

humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



DELFIN LEÃO
Universidade de Coimbra

TRIMALQUIÃO: A HVMANITAS DE UM NOVO-RICO

Chremes: *Homo sum: humani nil a me alienum puto.
Vel me monere hoc uel percontari puta:
rectumst, ego ut faciam; non est, te ut deterream.*¹

Terêncio, *Heaut.* 77-79

É desta forma aparentemente altruísta que Cremes procura convencer o vizinho a contar-lhe a razão de infligir a si próprio uma existência de escravo. Após alguma hesitação, Menedemo acaba por lhe confessar o seu pecado de incompreensão, que levava o filho a procurar outra vida em paragens remotas e perigosas. E Cremes lá estava para dar bons conselhos e sábias sentenças. Mas a falta de diálogo e de entendimento do aconselhador com a própria mulher e o filho revelam o lado real deste falso *sapiens*. Também ele tivera, afinal, uma juventude libertina e uma atitude cruel, quando, muitos anos atrás, ordenara a Sóstrata — sua esposa — que matasse o primeiro fruto, incómodo, dessa união: uma menina.²

¹ 'Sou um homem: e nada do que é humano eu considero alheio à minha natureza. Faz de conta que é um conselho que te dou ou uma pergunta que te faço. Se estiveres na razão, para eu fazer do mesmo jeito; se não estiveres, para eu te dissuadir.' Tradução de Walter de Medeiros, *O homem que se puniu a si mesmo* (INIC, Coimbra, 1992). Ao Doutor Medeiros agradeço os importantes reparos que nos fez, numa leitura prévia deste trabalho. Erros que subsistam são da nossa inteira responsabilidade.

² Como diz Medeiros, *op. cit.*, 21-22: «Os defensores de Cremes, postos os olhos na grande cena de abertura da peça, podem alegar que é por humanidade que o velho profere o famoso *Homo sum* (77); por humanidade que arranca, das mãos de Menedemo, o enxadão da tortura (89-92); por humanidade que o convida para o jantar de festa em sua casa (161-164); por humanidade que a história do vizinho e a sua obstinação na penitência lhe fazem vir as lágrimas aos olhos (167-168). Ora todos estes testemunhos comportam, infelizmente, reservas mais ou menos fundamentáveis.»

Não obstante o carácter mesquinho e interesseiro de quem pronuncia o famoso *Homo sum: humani nil a me alienum puto*, a expressão ficaria para sempre ligada à natureza do teatro terenciano. Mas a reflexão mais alargada sobre o conceito de *humanitas* deve-se a Cícero, embora a actividade filelenizante do círculo dos Cipiões, onde Terêncio também gravitou, tenha dado o primeiro passo decisivo para a convergência, tão rica de significado, da *παιδεία* helénica com a *humanitas* latina.³

O conceito é particularmente rico e ficou destinado a ter vida longa e feliz. *Humanitas* deriva de *humanus*, que, por seu turno, se relaciona com *homo* ('homem') e *humus* ('terra'). Deste modo, o termo, em toda a sua extensão, engloba a noção de 'ser terreno', exprimindo deste modo o conjunto de comportamentos que 'ser humano' implica.⁴ Alarga-se, depois, ao cuidado e benevolência dedicados à existência do semelhante e, neste caso, aproxima-se do sentido de *φιλανθρωπία*. Finalmente, designa o ilustramento intelectual e o civismo resultantes da educação. Nesta última acepção, recolhe parte da riqueza semântica do termo grego *παιδεία*, que, designando inicialmente 'criação' como 'desenvolvimento da criança', passa a significar, a partir da segunda metade do séc. V a.C., 'cultura'.

No estudo do *Satyricon* que a seguir se propõe, não se pretende propriamente surpreender o uso do termo *humanitas* por Petrónio, mas antes as três grandes vertentes semânticas do conceito, que sumariamente ficaram expostas.

Quem se debruça sobre a obra de Petrónio sente, muitas vezes, a dificuldade de trabalhar um texto que, a par das frequentes lacunas, aparece truncado no início e no final, se é que alguma vez o romance chegou a ser terminado.⁵ Corre-se sempre o risco penoso de usar em demasia argumentos

³ Pode encontrar-se uma primeira abordagem desta questão em Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, II volume — Cultura Romana* (FCG, Lisboa, 1984) 415-421. Ver ainda Américo da Costa Ramalho, "Cícero nas Orações Universitárias de Renascimento", in *Para a história do Humanismo em Portugal-I* (INIC, Coimbra, 1988) 31-47, esp. 43 sqq.

⁴ Ou seja, qualidades, sentimentos e inclinações que definem o homem como tal. Contudo, o uso do termo no sentido de *humanum genus* ('raça humana', 'humanidade') é bastante raro e de utilização quase exclusivamente pós-clássica. Cf., no entanto, Cícero, *Off.* 3.6.32.

⁵ Na parte conservada do *Satyricon*, destacam-se pelo seu poder (real ou inventado) três personagens: Trimalquião, Licas e Eumolpo. Curiosamente, todos parecem ser afastados da diegese pela morte (aparente, no caso de Trimalquião, efectiva para Licas e, provavelmente, Eumolpo). Todos estão ligados, de preferência, a determinados espaços urbanos: Licas, embora pereça no mar, provém de anteriores aventuras, que talvez se tenham passado em Marselha, ou noutra cidade portuária,

ex silentio. Tal inconveniente, no entanto, não se verifica com um episódio justamente famoso, que vários editores modernos continuam a publicar separadamente: a *Cena Trimalchionis*.⁶ É também com fundamento que se designa este passo como o festim desse novo-rico excêntrico e imprevisível que constitui, porventura, a maior criação petroniana: Trimalquião. Este facto, geralmente aceite por todos, deveria deixar-nos de sobreaviso. Talvez não seja aconselhável nem justo simplificar a riqueza de análise, que permite esta personagem, com uma aproximação demasiado redutora ao Nasidieno de Horácio⁷ ou ao Zoilo de Marcial.⁸ Geralmente, Trimalquião é apresentado como exemplo privilegiado do liberto enriquecido, que aproveita a presença dos seus convivas para, entre expressões de grosseria e de mau gosto, se gloriar da fortuna que acumulou. Trata-se de um traço inegável, mas a figura é bem mais complexa. Neste estudo, procurar-se-á mostrar como todas as tonalidades do universo semântico do conceito de *humanitas* se podem encontrar em Trimalquião. Curiosamente, essas colorações são frequentes e — por surpreendente que pareça — abonadas até pela positiva.

Encólpio, Gíton e Ascilto, ainda não recuperados da experiência com a incansável sacerdotisa de Priapo — Quartila — e suas ajudantes, são surpreendidos pela aparição repentina de *unus seruus Agamemnonis*, que vem informar o alquebrado trio onde vai ser o jantar naquela noite.⁹

como a profissão de armador exige. Trimalquião aparece na *Graeca urbs* e, depois do seu funeral fictício, mal volta a ser referido. Eumolpo, que, também na *Graeca urbs*, conhece Encólpio e Gíton, protagoniza a sua maior aventura conhecida em Crotona, lugar onde, em princípio, acabará por falecer. Se o enredo do *Satyricon* estivesse ligado a estes três espaços geográficos, a parte perdida seria, essencialmente, a primeira, já que, morto Eumolpo, o final do romance estaria próximo, com o abandono obrigatório da cidade por parte de Encólpio e Gíton. Ainda assim, seria possível que estes partissem para novas aventuras, noutras paragens.

⁶ *Sat.* 26.7-78.8. A edição utilizada é a de Enzo V. Marmorale, *Petronii Arbitri Cena Trimalchionis* (Nuova Italia, Firenze, 41969).

⁷ *Serm.* 2.8.

⁸ *Epigr.* 2.16; 2.19; 2.42; 2.58; 2.81; 3.29; 3.82; 4.77; 5.79; 6.91; 11.12; 11.30; 11.37; 11.54; 11.85; 11.92; 12.54.

⁹ A sucessão dos episódios que antecedem a *Cena* é algo controversa. No entanto, este jantar, para o qual Agamémnon convida os jovens, parece vir no seguimento do discurso com que Encólpio procurara impressionar o professor da escola de retórica (1.1-2.9). Por outro lado, o *tertius dies* (26.7) com que se abre o episódio do *Festim* poderá corresponder ao terceiro dia de desagravo a Priapo, necessário pelo facto de os três jovens terem espiado os ritos místéricos em honra do deus, aparentemente reservados a mulheres. Três dias de orgia *quadram* bem com o *tertiana impetus* (17.7) que Quartila, ferida no seu “fervor” religioso, chegou a temer como retaliação divina.

A descrição que o escravo faz do anfitrião constituiu um bom ponto de partida para a nossa análise (26.8-9):

«*Quid? Vos*» inquit «*nescitis, hodie apud quem fiat? Trimalchio, lautissimus homo, horologium in triclinio et bucinatorem habet subornatum, ut subinde sciat quantum de uita perdiderit.*»

«Então?» — atalhou ele — «Vocês não sabem em casa de quem se faz hoje a festa? É Trimalquião, um tipo todo requintes, que tem, na sala de jantar, um relógio e um corneteiro todo aperaltado, para saber, a cada momento, quanto tempo da sua vida se escoou.»

Esta caracterização directa remete para vários traços importantes da personalidade do liberto, entre eles a sua riqueza e a obsessão da morte.¹⁰ Trimalquião pode dar-se ao luxo de possuir um *bucinator* com a função expressa de o informar *quantum de uita perdiderit*. O leitor não pode deixar de fazer a ligação desta referência com a previsão do *mathematicus* Serapas, que o novo-rico há-de evocar, mais tarde, no *Festim*.¹¹ Segundo ela, ainda restam de vida a Trimalquião *annos triginta et menses quattuor et dies duos*.¹² O liberto está a fazer a contagem decrescente até atingir o dia derradeiro, um momento que escapa ao seu domínio, mas que ele procura tornar próximo, na ânsia de o poder dominar.¹³ Por essa razão, a excentricidade que irá permitir aos três jovens escapar da casa-labirinto de Trimalquião é a encenação da morte do dono da moradia e o estrépito da música e dos lamentos, que leva à intervenção dos *uigiles*, convencidos de que se tratava de um incêndio.

¹⁰ Tivemos oportunidade de reflectir sobre estes aspectos na tese de mestrado, sobre o tema: *As ironias da Fortuna: Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*, em especial no capítulo "Poder e morte". Este trabalho encontra-se, de momento, em fase de revisão, para publicação.

¹¹ 76.10-77.3.

¹² "Trinta anos e quatro meses e dois dias."

¹³ Cf. 78.5-8. Do elevado número de estudos consagrados a esta questão, salientamos apenas: William Arrowsmith, "Luxury and death in the *Satyricon*", *Arion* 5 (1966) 304-331; A.D. Leeman, "Morte e scambio nel romanzo picaresco di Petronio", *GIF* 20 (1967) 147-157; Averil M. Cameron, "Myth and meaning in Petronius: some modern comparisons", *Latomus* 29 (1970) 397-425; H.D. Cameron, "The Sibyl in the *Satyricon*", *CJ* 65 (1970) 337-339; Donato Gagliardi, "Il tema della morte nella *Cena* petroniana", *Orpheus* 10 (1989) 13-25; Ernestine Schlant, "Petronius: our contemporary", *Helios* 18 (1991) 49-71; John Bodell, "Trimalchio's underworld", in *The search for the ancient novel*, ed. James Tatum (Baltimore and London, John Hopkins University Press, 1994), pp. 237-259.

Mas esta informação do *seruus* é-nos facultada somente como exemplo de uma faceta mais abrangente de Trimalquião; o facto de ser considerado *lautissimus homo*. Ora o tema das *lautitiae* ('requisites') liga-se directamente ao problema que estamos a tratar.¹⁴ De facto, o refinamento de modos e de linguagem é, em geral, indicativo seguro de um espírito culto e educado pela reflexão e pelo estudo. Antes, porém, de explorarmos essa via, valerá a pena recordar que *lautus*, ao cabo, deriva etimologicamente do verbo *lauare*, cujo sentido primeiro é de 'banhar'; só depois se juntou o sentido de 'refinar o estilo de vida'. E o prelúdio da *Cena* vai exactamente iniciar-se com esse primeiro acto de higiene que é a passagem pelas termas. Embora Trimalquião possua um *balneum* privado,¹⁵ a imagem inicial que se colhe do anfitrião e de alguns dos seus convivas regista-se nos banhos públicos. Daí partirá o cortejo em direcção à casa do novo-rico.¹⁶ Dentre as várias imagens que desfilam perante os olhos de Encólpio, desperta a sua atenção o *senem caluum, tunica uestitum russea, inter pueros capillatos ludentem pila*.¹⁷ O *spectaculum* produzido pelo velho e acompanhantes é digno de nota. Desta vez, são as palavras de Menelau, o *antescholanus* de Agamémnon, que vêm elucidar Encólpio (27.4):

Cum has ergo miraremur lautitias, accurrit Menelaus et «Hic est» inquit «apud quem cubitum ponitis, et quidem iam principium cenae uidetis.»

Estávamos nós a pasmar para estes requintes, quando aparece Menelau e adverte: «Este é o fulano em casa de quem vocês vão abancar; e, na verdade, já estão a ver o princípio do jantar.»

As expectativas criadas pelo *seruus Agamemnonis* são, à primeira vista, confirmadas. Mesmo antes de conhecer a identidade de Trimalquião,

¹⁴ Marino Barchiesi, "L' orologio di Trimalchione (struttura e tempo narrativo in Petronio)", in *I moderni alla ricerca di Enea* (Bulzoni, Roma, 1981) 109-146, notou com pertinência o alcance deste relato do *seruus*, na medida em que introduz o tema das *lautitiae*, do tempo e da morte, da máquina e do automatismo.

¹⁵ Cf. 72.3-73.5.

¹⁶ D. Gagliardi, "Il corteo di Trimalchione — nota a Petron. 28.4-5", *RFIC* 112 (1984) 285-287, sugere que a comitiva que acompanha o liberto neste cortejo possui (286): «la *facies* d' un piccolo corteo funebre, nel quale Trimalchione sembra aver l' aria del defunto accompagnato all' estrema dimora.» Bodel, "Trimalchio's underworld", p. 243, retoma essa visão.

¹⁷ 27.1: 'certo velho careca, vestido com uma túnica avermelhada, a jogar à bola, no meio de jovens de longa cabeleira.'

já Encólpio e os seus companheiros admiravam as *lautitiae* que ele provocava, aqui vistas ainda como excentricidades curiosas e novas.¹⁸ Por outro lado, Menelau esclarece que o que presenciaram constitui *iam principium cenae*. Talvez pudéssemos dizer, antes, o "prólogo" de uma tragicomédia interactiva em que Trimalquião se afirma como personagem principal e como *dux gregis*. Os convidados serão, a um tempo, espectadores e actores, por vezes forçados. Não podem abandonar a representação antes de esta atingir o clímax, que é a morte (simulada) do protagonista. E, ainda assim, à maneira euripidiana, o enredo encontra-se de tal forma complicado que apenas a intervenção dos *uigiles*, no papel de *deus ex machina*, permite o desenlace. Mas para o Encólpio-protagonista ainda é muito cedo para compreender as regras do *spectaculum*. Por enquanto, tudo o que pode fazer é gozar a sorte de não ter pago o bilhete de entrada, já que ele e os amigos vêm como *umbrae* do professor de retórica.

Os convivas continuam a progressão até à sala de jantar, não sem algumas peripécias, de que falaremos posteriormente. Mais que a todos os outros, sentimos pulsar o espanto de Encólpio perante tamanhas novidades que a casa do anfitrião oferece. Mas na altura de tomarem lugar nos leitos, Trimalquião esquece uma das primeiras regras de etiqueta: a de acompanhar e orientar os hóspedes nessa tarefa (31.8):

Allata est tamen gustatio ualde lauta; nam iam omnes discubuerant praeter unum Trimalchionem, cui locus nouo more primus seruabatur.

Foi então que trouxeram uns aperitivos muito requintados, pois todos se encontravam já à mesa, a não ser Trimalquião, e só ele, para quem se tinha reservado o lugar à cabeça, segundo o novo costume.

Trimalquião atrasa-se para que maior seja o efeito produzido pela sua entrada em cena. Em boa verdade, os convivas estão a passar bem sem ele, entretidos com a *gustatio ualde lauta* que lhes é servida.¹⁹ Geralmente, o lugar do dono da casa era o *summus in imo*, ou seja, o primeiro do terceiro

¹⁸ Cf. e.g. 27.3: *res nouas*; 28.6: *sequimur nos admiratione iam saturi*; 29.1: *ceterum ego dum omnia stupeo*; 30.1: *et quod praecipue miratus sum*; 30.5: *his repleti uoluptatibus*; 41.5: *damnaui ego stuporem meum*.

¹⁹ Daí a pouco, com o avanço do jantar, a presença do anfitrião torna-se um peso, pelo que a sua ausência momentânea, provocada por necessidades fisiológicas imperiosas, é vista, por Encólpio e companheiros, como um alívio e uma oportunidade para entabularem conversa com os vizinhos (41.9).

leito. Mas Trimalquião, a par das modas do dia (*nouo more*), ocupa o *summus in summo*, isto é, o primeiro lugar do primeiro leito.²⁰

E, de facto, ao entrar, o anfitrião vai colher a atenção de todos, como esperava, embora também aqui, e de forma mais clara, se comece a ver a sua real natureza e aparência ridícula. Valerá a pena recordar todo o passo (32.1-33.3):

In his eramus lautitiis, cum ipse Trimalchio ad symphoniam allatus est positusque inter ceruicalia munitissima expressit imprudentibus risum. Pallio enim coccineo adrasum excluserat caput, circaque oneratas ueste ceruices laticlauiam immiserat mappam fimbriis hinc atque illinc pendentibus. Habebat etiam in minimo digito sinistrae manus anulum grandem subauratum, extremo uero articulo digiti sequentis minorem, ut mihi uidebatur, totum aureum, sed plane ferreis ueluti stellis ferruminatum. Et ne has tantum ostenderet diuitias, dextrum nudauit lacertum armilla aurea cultum et eboreo circulo lamina splendente conexum. Vt deinde pinna argentea dentes perfodit, «Amici» inquit «nondum mihi suaue erat in triclinium uenire, sed ne diutius absentiuos morae uobis essem, omnem uoluptatem mihi negaui. Permittitis tamen finiri lusum.» Sequebatur puer cum tabula terebinthina et crystallinis tesseris, notauique rem omnium delicatissimam. Pro calculis enim albis ac nigris aureos argenteosque habebat denarios. Interim dum ille omnium textorum dicta inter lusum consumit[....]

Estávamos nós no meio destes requintes, quando nos é apresentado Trimalquião em pessoa, ao som de música; puseram-no entre almofadas muito juntas, o que fez estalar o riso, ao apanhar-nos desprevenidos. É que, de um manto escarlate, erguia-se a cabeça rapada e, à volta do pescoço, já abafado em roupa, tinha enrolada uma toalha guarnecida de faixas de púrpura, com franjas que pendiam de um e de outro lado. Usava, também, no dedo mindinho da mão esquerda, um grande anel ligeiramente dourado e ainda, no último nó do dedo seguinte, um mais pequeno, em ouro maciço, ao que me parecia, mas com uma espécie de estrela de ferro engastada. E para não fazer gala apenas dessas jóias, descobriu o braço direito, que

²⁰ Marmorale, *ad loc.*, sugere que Trimalquião ocupa esse lugar por causa dos problemas de saúde de que padece (47.2), para melhor se deslocar sem causar incómodos; mas o facto é descrito como *nouus mos*, que o novo-rico gostaria, certamente, de juntar à galeria de *lautitiae*.

estava enfeitado por um bracelete de ouro e um aro de marfim, e ainda por uma placa resplandecente a ligar. Assim que limpou os dentes com um palito de prata, exclamou: «Meus amigos, ainda não me apetecia vir para o triclínio, mas, para não me demorar mais tempo longe de vocês, renunciei a todas as minhas comodidades. Permitam-me, contudo, terminar o jogo.» Vinha atrás dele um miúdo com um tabuleiro de terebinto e dados de cristal. Foi então que reparei num pormenor particularmente refinado: é que, em vez de peças brancas e pretas, usava moedas de ouro e de prata. Enquanto que ele, no decorrer da partida, gastava tudo quanto eram palavrões de pedreiro²¹[....]

O sentimento geral dos convivas continua a ser de apreciação dos pratos servidos (*In his eramus lautitiis*) e do aparato de riqueza (*notauique rem omnium delicatissimam*). De resto, Trimalquião não se poupa a esforços para expor o seu bem-estar: *ad symphoniam allatus est positusque inter ceruicalia munitissima; anulum grandem subauratum; minorem totum aureum; dextrum lacertum armilla aurea cultum et eboreo circulo lamina splendente conexum; pinna argentea; pro calculis enim albis ac nigris aureos argenteosque habebat denarios.*²² No entanto, estabelece-se um contraste entre essa ostentação de poder e dinheiro e a figura caricata da pessoa que a motiva: *Pallio enim coccineo adrasum excluserat caput, circaque oneratas ueste ceruices laticlauiam immiserat mappam fimbriis hinc atque illinc pendentibus.* É natural, por conseguinte, a reacção dos convivas: *expressit imprudentibus risum.* Se, por um lado, toda esta exuberância começa já a ganhar contornos de mau gosto, outro elemento vem corroborar essa ideia: a linguagem de Trimalquião (*ille omnium textorum dicta inter lusum consumit*), em nítido contraste com a excelência do suporte material do *lusum*. No fundo, o liberto parece conjugar todas as tonalidades adjacentes ao universo semântico do termo "novo-rico".

Apesar de tudo, o anfitrião trata os convidados com certa deferência, já que, não tendo vontade de vir tão cedo para o triclínio, o faz *ne diutius*

²¹ À letra, 'de tecelão', mas, entre nós, os pedreiros é que gozam da fama de usar uma linguagem desbocada.

²² Este aspecto é explorado ao longo de todo o *Festim*. Um dos testemunhos mais elucidativos da riqueza de Trimalquião é-nos dado por Hérmeros, também liberto e que muito admira o anfitrião (37.8-10). Cf. ainda e.g. 28.8-9; 29.3-8; 30.2-3; 34.2-3; 47.11-13; 52.1. Embora algumas das referências sejam, certamente, hiperbólicas, características da *forma mentis* do liberto: 48.1-3; 53.1-10; 67.7-8.

absentiuos morae uobis essem. O leitor (e o ouvinte) fica um pouco na dúvida se, com este reparo, Trimalquião está a enaltecer a qualidade dos convidados, se o espírito de sacrifício do anfitrião. Ora, pouco depois, as dúvidas que subsistiam são desvanecidas ao servir-se o vinho (34.7):

Dum titulos perlegimus, complosit Trimalchio manus et «Eheu» inquit «ergo diutius uiuit uinum quam homuncio. Quare tangomenas faciamus. Vita uinum est. Verum Opimianum praesto. Heri non tam bonum posui, et multo honestiores cenabant.»

Estávamos nós a acabar de ler os rótulos, quando Trimalquião bateu as mãos e exclamou: «Ah, que mais tempo vive o vinho que o pobre do homem! Por isso, tratemos de nos encharcar. A vida vinho é. Opimiano de casta é o que lhes ofereço. Ontem não o servi tão bom e jantava comigo gente de muito mais categoria.»

Depois de terem escutado este comentário, os convivas deveriam sentir-se honrados com a prodigalidade e deferência do anfitrião, mas certamente que lhes custaria a engolir o travo amargo de *et multo honestiores cenabant*.²³

O episódio do vinho opimiano serve para retomar o *Leitmotiv* da fugacidade da vida e da concomitante presença da imagem da morte. Permite, igualmente, ao liberto improvisar uns versos que apelam para o *carpe diem* (34.10). É claro que Trimalquião aprecia os aplausos que, no seguimento, lhe são dirigidos,²⁴ particularmente dos *scholastici* que constituem, afinal, uma das peças de requinte do novo-rico.²⁵ Por essa razão, explora mais vezes a via do brilho intelectual. Ele mesmo afirma a necessidade da presença da erudição nos momentos de convívio (39.3): *Oportet etiam inter cenandum philologiam nosse*.²⁶ É essa a justificação para explicar, logo de seguida, o significado dos signos do zodíaco (que lhe vale o apodo de *sophos*: 40.1) e tem outros achaques de poesia e de canto, de valor

²³ Cf. a desconsideração implícita em 75.8.

²⁴ 35.1. Cf. *e.g.* 39.6; 40.1.

²⁵ Especialmente elucidativo 52.7: *Excipimus urbanitatem iocantis, et ante omnes Agamemnon, qui sciebat, quibus meritis reuocaretur ad cenam.* 'Acolhemos com aplauso o dito espirituoso do gracejador <Trimalquião>, e primeiro que todos Agamémnon, pois sabia com que favores seria de novo convidado para jantar.' Agamémnon está, ao cabo, a aplicar aqui a técnica dos aduladores que denunciara (3.3) ao responder à *declamatio* do jovem Encólpio.

²⁶ 'À mesa, ficam sempre bem uma coisas de cultura.'

e execução discutíveis.²⁷ Apesar de algumas tiradas curiosas,²⁸ sempre que Trimalquião se lança pelo mundo da cultura o que reina é a confusão. Vejamos apenas um exemplo, dos mais elucidativos (59.3-5):

Ipse Trimalchio in puluino consedit, et cum Homeristae Graecis uersibus colloquerentur, ut insolenter solent, ille canora uoce Latine legebat librum. Mox silentio facto «Scitis» inquit «quam fabulam agant? Diomedes et Ganymedes duo fratres fuerunt. Horum soror erat Helena. Agamemnon illam rapuit et Dianae ceruam subiecit. Ita nunc Homeros dicit, quemadmodum inter se pugnent Troiani et Parentini. Vicit scilicet et Iphigeniam, filiam suam, Achilli dedit uxorem. Ob eam rem Ajax insanit et statim argumentum explicabit.»

O próprio Trimalquião se sentou numa almofada e, à medida que os homeristas dialogavam com versos gregos, segundo o seu insuportável costume, ele lia, em voz alta, o livro em latim. Logo que se fez silêncio, continuou: «Sabem que episódio eles estão a tratar? Era uma vez dois irmãos, Diomedes e Ganimedes. A irmã deles chamava-se Helena. Agamémnon raptou-a e, em seu lugar, sacrificou a Diana uma corça. Pois bem, agora Homero relata de que forma lutam entre si Troianos e Parentinos. É claro que venceu e deu Ifigénia, a filha, como esposa a Aquiles: por isso anda louco Ajax e é esse o enredo que em seguida se vai desenvolver.»

Antes deste passo, Trimalquião já tinha protagonizado outros episódios igualmente criativos,²⁹ mas este é particularmente curioso. O advérbio (*insolenter*) com que Encópio classifica o facto de os *Homeristae* declamarem *Graecis uersibus* exprimirá apenas uma opinião pessoal. De mau gosto é, contudo, estar Trimalquião a ler *canora uoce* a versão latina, enquanto se faz a representação. Quanto às confusões, essas são bem evidentes: os dois irmãos de Helena são Castor e Pólux, e não Diomedes e Ganimedes; o raptor de Helena foi Páris, o que constituiu a causa próxima da guerra de Tróia; foi Diana e não Agamémnon que substituiu Ifigénia por uma corça, quando aquele se preparava para a sacrificar em Áulide; a luta entre Troianos e Parentinos (ou talvez Tarentinos) também não tem razão de

²⁷ E.g. 35.7; 53.13; 73.3.

²⁸ 36.5-8; 41.6-8; 50.1-4; 70.2.

²⁹ 48.1-8; 50.2-7; 52.1-2.

ser; Agamémnon prometeu Ifigénia em casamento a Aquiles, mas este não chegou a casar com ela; o motivo da loucura de Ájax reside em este não ter conseguido ficar com as armas do defunto Aquiles, que foram atribuídas a Ulisses.

É natural que esta atmosfera irrisória provocasse a chacota dos *scholastici*, deixando entrever um conflito latente, desde o início, entre este grupo e o dos libertos. Esse ambiente artificial é posto a descoberto com o riso aberto e desinibido de Ascilto e de Gíton, que desperta a cólera de Hérmeros, defensor da causa de Trimalquião, liberto como ele. Convirá recordar ambos os passos (57.1-2 e 58.1-2):

Ceterum Ascyltos, intemperantis licentiae, cum omnia sublatis manibus eluderet et usque ad lacrimas rideret, unus ex conlibertis Trimalchionis excanduit, is ipse qui supra me discumbebat, et «Quid rides,» inquit «berbex? An tibi non placent lautitiae domini mei? Tu enim beator es et conuiuare melius soles.» [...]

Post hoc dictum Gíton, qui ad pedes stabat, risum iam diu compressum etiam indecenter effudit. Quod cum animaduertisset aduersarius Ascylti, flexit conuicium in puerum et «Tu autem» inquit «etiam tu rides, cepa pirrata? Io Saturnalia, rogo, mensis december est?»

Ora acontece que Ascilto, com excessiva desenvoltura, levantava as mãos ao céu e de quanto era dito se punha a troçar, rindo a bom rir até as lágrimas. Um dos conlibertos de Trimalquião, precisamente o que estava à mesa logo acima de mim, entrou em fúria e explodiu: «De que te ris tu, minha besta quadrada? Será que te não agradam os requintes do meu senhor? Claro, tu és mais rico e costumam dar festas melhores!» [...]

Depois deste sermão, Gíton, que estava espedado aos nossos pés e há muito vinha a sufocar o riso, soltou também gargalhadas descompostas. Quando o adversário de Ascilto deu pela coisa, dirigiu contra o miúdo o alarido dos seus insultos: «Ah, também tu,» — vociferou — «também tu te ris, minha cebola arruivada? Vivam as Saturnais! Ora diz-me cá: já estamos no mês de dezembro?»

A indignação de Hérmeros leva-o a apresentar o seu próprio exemplo de homem que conseguiu uma posição honrosa na sociedade, através do esforço pessoal, ao passo que Ascilto nada tem (57.5-7). Chega, até, a desafiar Gíton para um duelo no campo da agudeza do intelecto (58.7-8),

que se resume a exemplos do que se poderia chamar sabedoria popular ou simples adivinhas.³⁰

Mas o mais curioso deste incidente é que Trimalquião não se indis põs com o que se dizia de parte a parte. Pelo contrário, até um pouco divertido com a cena, argumenta nestes termos conciliadores (59.1-2):

«Agite [...] *scordalias de medio. Suauiter sit potius, et tu, Hermeros, parce adulescentulo. Sanguen illi feruet, tu melior esto. Semper in hac re qui uincitur, uincit. Et tu cum esses capo, coco coco, atque cor non habebas. Simus ergo, quod melius est, a primitiis hilares et Homeristas spectemus.*»

«Vamos lá, [...] ponham de lado as birras; cara alegre é bem melhor. E tu, Hérmeros, deixa o rapazola. Ferve-lhe o sangue na guelra; tem tu mais juízo. Sempre nestas coisas quem é vencido sai vencedor. Também tu, quando eras um galaroz, — cocorocó cocorocó — não tinhas tento na cabeça. Vamos então — o que é bem melhor — alegrar-nos de novo e prestar atenção aos homeristas.»

Vimos, até agora, que aquela vertente da *humanitas* que se prende com o estudo, conducente à erudição e delicadeza de maneiras, Trimalquião não a possui. Não trata os convidados com cortesia, a sua linguagem é vulgar e pouco polida, são múltiplas as confusões que faz quando se aventura nos meandros da erudição. Porquê, então, esta atitude? Estará o liberto preocupado com as aparências e bom seguimento da *Cena*? Sim e não. A intervenção é apaziguadora, até porque uma discussão como esta desviaria a atenção dos convivas. Mas não vê, por exemplo, qualquer inconveniente em ter uma zanga violenta e ruidosa com Fortunata.

Por outro lado, Trimalquião sabe que não corre riscos com as gargalhadas dos intelectuais. Se a sua erudição está crivada de lacunas e confusões, ele, ainda assim, consegue dominar a vontade dos *scholastici*. Este novo-rico é um homem supersticioso. Já na sua primeira aparição no

³⁰ Convém notar que Gíton é alvo das invectivas de Hérmeros na medida em que funciona como prolongamento dos *scholastici*, já que, na *Cena*, Gíton desempenha o papel de escravo de Encólpio e de Ascilto (26.10). Hérmeros confronta esta atitude dos jovens intelectuais com a de Agamémnon, muito mais ponderada (57.8): *Tibi soli ridiclei uidemur; ecce magister tuus, homo maior natus: placemus illi.* 'Só aos teus olhos é que parecemos de risota. Repara no teu mestre, um tipo já de idade: para ele estamos bem.' Agamémnon, mais experiente e vivido, já conhecia melhor as regras do jogo das conveniências.

triclínio se poderia ver esse aspecto, presente em vários outros passos.³¹ Daí a pouco, Trimalquião irá incitar outro conliberto, Níceros, a contar uma história. Este acede e vai narrar um caso que se passou com ele, o encontro com um lobisomem.³² Trimalquião aproveita a atmosfera tétrica e relata outra história de arrepiar cabelo: a visita das Feiticeiras da Noite.³³

O grupo dos *scholastici* deveria racionalizar as histórias e olhá-las com ceticismo, mas deixa-se envolver pela atmosfera de superstição. Fazem, como todos os presentes, o gesto apotropaico de beijar a mesa para esconjurar as *Nocturnae* (64.1-2):

Miramur nos et pariter credimus, osculatique mensam rogamus Nocturnas, ut suis se teneant, dum redimus a cena. Et sane iam lucernae mihi plures uidebantur ardere totumque triclinium esse mutatum.

Mostrámos, a um tempo, o nosso assombro e a nossa credulidade. E, depois de beijarmos a mesa, pedimos às Feiticeiras da Noite que se deixassem ficar por suas casas, quando voltássemos do jantar. E a verdade é que já me parecia que as lâmpadas acesas se haviam multiplicado e que toda a sala de jantar se transformara a meus olhos.

Apesar de tudo, ainda é Trimalquião quem dá as cartas do jogo!

A *humanitas* enquanto *φιλανθρωπία* verifica-se no tratamento dado às outras pessoas e, aqui, em especial, aos escravos. No que a este aspecto diz respeito, a atitude de Trimalquião também não é uma apenas. O novo-rico tem muitos dependentes ao seu serviço. Quase poderíamos dizer que possui exércitos de escravos às suas ordens. Desde o início da *Cena* até ao seu desfecho que se multiplicam os servos e os serviços em volta de Trimalquião.³⁴ De facto, ao esboçar o catálogo das riquezas de Trimalquião, já Hérmeros dissera (37.9): *Familia uero babae babae, non mehercules puto*

³¹ Cf. supra 32.3: *anulum [...] totum aureum, sed plane ferreis ueluti stellis ferruminatum*. Trata-se de um anel mágico, destinado a afastar o mau-olhado. Cf. ainda 30.4; 30.5-6; 39.8; 74.1-5. Ver, a este respeito, as interessantes observações de Emanuele Castorina: "La lingua di Petronio e la figura di Trimalchione", *SicGymn* 26 (1973) 18-40, esp. 36-38.

³² 61.5-62.14.

³³ 63.3-10.

³⁴ Não são convincentes tentativas, como a de Barry Baldwin, "Trimalchio's domestic staff", *Acta Classica* 21 (1978) 87-97, para diminuir drasticamente essa realidade.

*decumam partem esse quae dominum suum nouerit.*³⁵ Parece ser uma informação verdadeira, ainda que se desconte uma larga margem para o exagero. Basta, para isso, relembrar o relatório de contas do anfitrião, apresentado no decurso do *Festim* (53.1-10).

Ora controlar uma multidão assim exigiria disciplina e autoridade. E ela está bem patente, logo à entrada da casa do liberto (28.6-7):

Sequimur nos admiratione iam saturi et cum Agamemnone ad ianuam peruenimus, in cuius poste libellus erat cum hac inscriptione fixus: «Quisquis seruus sine dominico iussu foras exierit, accipiet plagas centum.»

Tratamos de o seguir, já pasmados de todo, e, na companhia de Agamémnon, chegámos à porta, em cuja ombreira estava afixado um letreiro com este aviso: «Todo o servo que sair para fora sem ordem do patrão, apanhará cem chibatadas.»

Trimalquião não é homem para brincadeiras. Poderíamos esperar ver nele, de resto, um modelo do *parvenu* que é, usualmente, muito duro com os elementos da classe a que dantes pertencia. Mas esse rótulo só parcialmente se ajusta à personagem. De facto, o liberto ordena que seja esbofeteado um escravo por ter recolhido um prato do chão;³⁶ no relato da economia da casa, refere-se que o servo Mitridates foi crucificado por ter maldito o *genius* do patrão (53.3); a Estico confiou a tarefa honrosa de tomar conta da mortalha, do bálsamo e do vinho destinados aos ritos fúnebres, para quando Trimalquião morrer. Mas Estico que zelasse bem por essa tarefa, ou as consequências seriam terríveis.³⁷

Noutros casos, contudo, essa dureza é programada para surtir um efeito de surpresa. Assim acontece quando chama à sua presença o cozinheiro, a fim de este preparar um dos porcos que fizera entrar no triclinio. Trimalquião despede-o com o aviso de que desempenhe bem essa função (47.13). Pouco depois, para espanto de todos os convivas — em especial de Encólpio — aparecia o animal já cozinhado. Iriam jurar que nem

³⁵ 'Quanto à criadagem — ora, ora! Tenho para mim, caramba, que nem a décima parte conhece o patrão.'

³⁶ 34.2. Em 52.4-6, Trimalquião, num caso semelhante, ordena ao escravo que deixara cair um cálice que se açoite a si mesmo.

³⁷ 78.2: «*Vide tu*» inquit «*Stiche, ne ista mures tangant aut tineae; alioquin te uiuum comburam.*» '«Olha lá, Estico,» — avisou — «que não lhe dêem os ratos nem as traças; doutra forma, mando-te queimar vivo!»'

um galo teria sido possível preparar nesse espaço de tempo, quanto mais um animal daquele porte. É então que Trimalquião repara num pormenor nada despreciando: o porco não tinha sido estripado! Aparece o *cocus*, muito constrangido, a dizer que se tinha esquecido, aparentemente sem grandes esperanças de ser perdoado. Até Encólpio achava a falta grave demais. Os outros convivas tentam a mediação possível e o surpreendente é que Trimalquião se riu e perdoou, mandando ao escravo que completasse, então, o serviço, ordem que ele se apressa a cumprir (49.9-10):

Recepta cocus tunica cultrum arripuit porcique uentrem hinc atque illinc timida manu secuit. Nec mora, ex plagis ponderis inclinatione crescentibus tomacula cum botulis effusa sunt.

Recuperada a túnica, o cozinheiro agarrou na faca e golpeou o bojo do porco aqui e ali, com mão receosa. Sem demora, dos cortes que se abriam com a pressão do peso, se espalham salsichas e chouriços.

Tratava-se, afinal, de um espectáculo ensaiado, digno de Trimalquião e de um escravo de nome *Daedalus*.³⁸ Motivação semelhante teve o evento, pouco posterior, em que, durante um número de acrobacia, um dos equilibristas caiu sobre Trimalquião (54.1 sqq.). Todos se alvoroçaram, mais por temor de que tivessem que acabar por carpir um morto que lhes era estranho que por genuína preocupação com o estado do anfitrião, aparentemente ferido no braço. Só Fortunata parecia estar realmente alvoroçada. Entretanto, o *puer* que provocara o acidente arrastava-se pelos pés dos convivas, a suplicar clemência. Mas, desta vez, Encólpio estava de sobreaviso (54.3): *Pessime mihi erat, ne his precibus periculo aliquid catastrophae quaereretur. Nec enim adhuc exciderat cocus ille, qui oblitus fuerat porcum exinterare.*³⁹ E as suas reservas eram justificadas; em vez da punição esperada, veio um decreto de Trimalquião, segundo o qual era dada liberdade ao equilibrista, para que se não dissesse que tão alta personalidade tinha sido maltratada por um escravo.

Estes episódios não constituem verdadeiros exemplos de *humanitas*; pelo contrário, são uma forma de Trimalquião chamar a si as atenções e de

³⁸ Cf. 70.2.

³⁹ 'A coisa não me estava a agradar, não fosse que, com essas súplicas, se procurasse dar alguma reviravolta ao acidente. Ainda não me tinha passado aquela do cozinheiro que se tinha esquecido de estripar o porco.'

promover a sua imagem.⁴⁰ Neste particular, o *dispensator* do novo-rico apresenta-se como eco descolorido do patrão. Na verdade, preparavam-se os convivas para entrar no triclínio, obedecendo à instrução do *dextro pede*, quando são surpreendidos por um escravo desse tal administrador, que pede compaixão para o facto de lhe terem roubado, no banho, a roupa que estava a seu cargo. Intercedem os convivas e aquiesce, com arrogância, o *dispensator* (30.10-11):

«Non tam iactura me mouet» inquit «quam negligentia nequissimi serui. Vestimenta mea cubitoria perdidit, quae mihi natali meo cliens quidam donauerat, Tyria sine dubio, sed iam semel lota. Quid ergo est? Dono uobis eum.»

«Não é tanto a perda que me incomoda» — outorgou — «quanto a negligência deste estupor de escravo. Deixou roubar a minha roupa de estar à mesa, que me tinha oferecido um cliente⁴¹ pelo dia do meu aniversário; púrpura de Tiro, claro está, embora já tivesse sido lavada uma vez. Que é que se há-de fazer? Deixo-o nas vossas mãos.»

Porém, alturas há em que Trimalquião parece mostrar um verdadeiro cuidado com o semelhante, no caso que nos interessa, os escravos. É certo que o passo mais elucidativo se dá quando os vapores do vinho são já bastante intensos. Mas talvez, por isso mesmo, estimulem a sinceridade. Quando Habinas e Cintila se juntaram ao grupo e o ambiente de festa era generalizado, Trimalquião fala nestes termos (70.10-71.3):

«Permitto [...] Philargyre et Cario, etsi prasinianus es famosus, dic et Menophilae, contubernali tuae, discumbat.» Quid multa? Paene de lectis deiectioni sumus, adeo totum triclinium familia occupauerat. Certe ego notaui super me positum cocum, qui de porco anserem fecerat, muria condimentisque fetentem. Nec contentus fuit recumbere, sed continuo Ephesum tragoedum coepit imitari et subinde dominum suum sponsione prouocare «si prasinus proximis circensibus primam palmam».

Diffusus hac contentione Trimalchio «Amici» inquit «et serui homines sunt et aequae unum lactem biberunt, etiam si illos malus fatus oppresserit. Tamen me saluo cito aquam liberam gustabunt. Ad

⁴⁰ Cf. 41.6-8; 52.4-6; 70.4-6.

⁴¹ Cf. n. 36 e *Sat.* 34.5.

summam, omnes illos in testamento meo manu mitto. Philargyro etiam fundum lego et contubernalem suam, Carioni quoque insulam et uicesimam et lectum stratum. Nam Fortunatam meam heredem facio, et commendo illam omnibus amicis meis. Et haec ideo omnia publico, ut familia mea iam nunc sic me amet tanquam mortuum.»

«Dou-te licença,» [...] «Filárgiro, e a ti também, Carião, — embora sejas um velhaco ferrenho dos verdes; diz ainda a Menófila, a tua companheira, que venha para a mesa.» Mais palavras para quê? Quase íamos sendo projectados dos leitos fora, pois a criadagem tinha ocupado por completo o triclínio. O certo é que, instalado logo acima de mim, dei de caras com o tal cozinheiro, que de um porco tinha feito uma pata, e tresandava a salmoura e a temperos. E não se contentou com estar abancado, mas, acto contínuo, entrou a imitar o trágico Éfeso e depois a desafiar o patrão a fazer uma aposta: «como os verdes, nas próximas corridas, arrebatavam a primeira palma».

Divertido com este desafio, Trimalquião exclamou: «Meus amigos, também os escravos são homens e beberam igualmente de um mesmo leite, ainda que um destino ruim os tenha subjugado. Porém, se tiver vida e saúde,⁴² depressa provarão a água da liberdade. Numa palavra: a todos torno livres no meu testamento. Além disso, a Filárgiro lego-lhe uma terra e a sua companheira; também a Carião deixo um bloco de casas e a sua vigésima e cama preparada. Quanto a Fortunata, nomeio-a minha herdeira universal e recomendo-a a todos os meus amigos. E assim, torno públicas todas estas vontades, para que o pessoal da casa me ame, desde agora, como se eu já estivesse morto.»

Ainda que com desconforto dos convivas (*Paene de lectis deiecti sumus, adeo totum triclinium familia occupauerat*), permite aos escravos que tomem lugar nos leitos, fazendo mesmo certas concessões: *etsi prasinianus es famosus*.⁴³ De resto, Dédalo, o cozinheiro, também é um *prasinianus* e a sua insistência em fazer uma aposta com o patrão diverte o novo-rico, que

⁴² *me saluo* é uma expressão feita, que Trimalquião usa sem se aperceber da contradição: ele só libertará os escravos depois da morte, em testamento, e a vida não lhe pode correr muito bem se morrer.

⁴³ Por este passo se pode ver que na *Graeca urbs* havia um circo. Trimalquião não é do partido dos verdes (*prasinianus*), embora condescenda em que escravos seus o possam ser. Trimalquião pertencerá, provavelmente, ao dos encarnados (*russati*), já que mostra predilecção por essa cor (28.4; 32.2).

reconhece que os escravos são homens como os demais, ainda que um *malus fatus* os oprima.⁴⁴ E é também nesse momento que dá a conhecer que os irá libertar mais tarde, em testamento, *ut familia mea iam nunc sic me amet tanquam mortuum*.⁴⁵

Várias vezes se tem procurado desvalorizar a genuinidade desta *humanitas*, afirmando que, neste passo, Petrónio está simplesmente a parodiar ideias de Séneca.⁴⁶ Essa proximidade é inegável. Bastará, para isso, recordar um passo das *Epistulae morales*⁴⁷ bem conhecido (47.1-3):

Libenter ex iis qui a te ueniunt cognoui familiariter te cum seruis tuis uiuere: hoc prudentiam tuam, hoc eruditionem decet. «Serui sunt.» Immo homines. «Serui sunt.» Immo contubernales. «Serui sunt.» Immo humiles amici. «Serui sunt.» Immo conserui, si cogitaueris tantundem in utrosque licere fortunae. Itaque rideo istos qui turpe existimant cum seruo suo cenare: quare, nisi quia superbissima consuetudo cenanti domino stantium seruorum turbam circumdedit? Est ille plus quam capit, et ingenti auuiditate onerat distentum uentrem ac desuetum iam uentris officio, ut maiore opera omnia egerat quam ingessit. At infelicibus seruis mouere labra ne in hoc quidem, ut loquantur, licet; uirga murmur omne conpescitur, et

⁴⁴ Cf. *Odisseia*, 17.322-323, onde acaba por se fazer uma afirmação semelhante, ao dizer-se que a escravidão diminui a *ἀρετή* dada por Zeus: *ἡμῶν γὰρ τ' ἀρετῆς ἀποαίνονται εὐρύοπα Ζεὺς / ἀνέρος, εἰδ' ἂν μιν κατὰ δούλιον ἤμαρ ἔλθῃσιν*. 'Zeus da voz potente tira metade do valor / ao homem, no dia em que a escravidão dele se apodera.' Porém, o princípio da igualdade natural de todos os homens — livres ou escravos — foi, pela primeira vez, proposta por Alcídamos, um sofista grego, do séc. IV a.C., discípulo de Górgias. O princípio é conhecido através do escoliasta de Aristóteles, *Retórica*, 1.1373b.

⁴⁵ Tivemos oportunidade de estudar este passo no capítulo "Poder e morte" da nossa tese de mestrado. A afirmação remeterá para a tanatofilia/tanatofobia do liberto e para a sua consciência de que, afinal, muito poucos lhe dedicam real e desinteressada amizade. Daí que ele procure assegurar, desde já, que o amem tanto como quando morrer, revelando as suas disposições testamentárias (se bem que estas não sejam definitivas, como revela a zanga que Trimalquião irá ter, pouco depois, com Fortunata).

⁴⁶ E.g. John P. Sullivan, *Il Satyricon di Petronio. Uno studio letterario*, (Nuova Italia, Firenze, 1977), pp. 129 sqq.; D. Gagliardi, *Petronio e il romanzo moderno. La fortuna del Satyricon attraverso i secoli*, (Nuova Italia, Firenze, 1993), pp. 32 sqq.

⁴⁷ Usa-se o texto de L.D. Reynolds, Oxford University Press, 1965. A tradução é da responsabilidade de J.A. Segurado e Campos, *Cartas a Lucílio*, (FCG, Lisboa, 1991).

ne fortuita quidem uerberibus excepta sunt, tussis, sternumenta, singultus; magno malo ulla uoce interpellatum silentium luitur; nocte tota ieiuni mutique perstant.

Foi com prazer que ouvi dizer a pessoas vindas de junto de ti que vives com os teus escravos como se fossem teus familiares. Isso só atesta que és um espírito bem formado e culto. «São escravos.» Não, são homens. «São escravos.» Não, são camaradas. «São escravos.» Não, são amigos mais humildes. «São escravos.» Não, são companheiros de servidão, se pensares que todos estamos sujeitos aos mesmos golpes da fortuna. Por isso me parece ridículo achar desonroso jantar na companhia de um escravo. Pois não é apenas fruto de extrema vaidade o hábito de os senhores jantarem rodeados de uma multidão de escravos em pé? O senhor come mais do que tem necessidade, com gula desmedida sobrecarrega um estômago dilatado e já tão desabitado das suas funções de estômago que deita tudo fora com mais trabalho ainda do que teve a ingerir. Entretanto, os infelizes escravos nem sequer podem mover os lábios para falar: o mínimo murmúrio é punido à chibatada, e nem ruídos casuais — tosse, espirro ou soluço — estão ao abrigo do chicote; qualquer barulho que interrompa o silêncio do senhor é duramente punido; passam toda a noite em pé, sem comer, sem falar.

Contudo, a generosidade de Trimalquião não se cinge ao passo antes analisado. Em primeiro lugar, os escravos gozam, dentro de casa, de grande liberdade de movimentos e não só não estão calados, como a tudo respondem a cantar.⁴⁸ E não deixa de surpreender o à-vontade com que eles próprios tomam iniciativas, como a de agradecer alguma benesse com distribuição de vinho.⁴⁹ Trimalquião tem o cuidado de os recompensar, quando o serviço lhe agrada.⁵⁰ Brinca com Creso, o favorito, para se distrair do prejuízo que, por causa dele, tinha tido e manda preparar vinho e reparti-lo por todos os escravos, para que também bebam.⁵¹ Até os comensais reconhecem *humanitas* neste gesto.⁵² Tem a preocupação de associar os convivas ao facto

⁴⁸ Cf. 31.3-7. É natural que fossem essas as instruções do senhor da casa.

⁴⁹ 31.1-2; 52.6-7.

⁵⁰ 50.1; 70.2-3.

⁵¹ 64.11-13.

⁵² 65.1: *Hanc humanitatem insecutae sunt mattea.* 'A esta mostra de humanidade, seguiram-se uns acepipes.'

de um escravo seu celebrar, naquele dia, a festa da primeira barba.⁵³ Faz render os escravos de serviço, a fim de que possam ir comer. Ao serem substituídos, os servos revelam grande descontracção perante o senhor.⁵⁴

Por tudo isto se deve ter um certo cuidado em não rotular de forma demasiado simplista as atitudes de Trimalquião. É certo que ele castiga, mas também sabe recompensar;⁵⁵ vale-se muitas vezes dos escravos (em combinação ou não com eles) para atrair a si a atenção dos comensais e mostrar uma blandícia espúria. No entanto, muitos são, igualmente, os exemplos onde se verifica uma real preocupação com os interesses e bem-estar dos *serui*. Em suma, de certa *humanitas*.

Falta-nos tratar um último lado do problema que nos propusemos analisar, ou seja, os sentimentos e inclinações próprios do homem. Este aspecto é dos mais evidentes. Basta pensar na riqueza de análise que Trimalquião motiva, para concluir que ele não é uma simples criação resultante da junção de fontes literárias dispersas. Trimalquião possui a densidade psicológica de um verdadeiro carácter humano.⁵⁶ Pela maneira como acalma os ânimos exaltados de Hérmeros, se vê que é alguém vivido e conhecedor da natureza humana. Não se trata de um modelo de virtude, mas é exemplo de tenacidade e de perseverança na luta contra as adversidades que a vida, tantas vezes, enfrenta.

Tal realidade fica patente na zaragata familiar que Trimalquião tem com Fortunata, e que o amigo Habinas tenta acalmar da seguinte maneira (75.1): *Nemo [...] nostrum non peccat. Homines sumus, non dei.*⁵⁷

⁵³ 73.6.

⁵⁴ 74.6-7: *Sumptis igitur matteis respiciens ad familiam Trimalchio «Quid uos» inquit «adhuc non cenastis? Abite, ut alii ueniant ad officium.» Subiit igitur alia classis, et illi quidem exclamauere: «Vale, Gai.» Hi autem: «Aue, Gai.»* 'Quando nos servimos, portanto, destes acepipes, Trimalquião virou-se para a criadagem e perguntou: «Vocês aí, porque é que ainda não jantaram? Vão-se mas é embora para virem outros tratar do serviço.» Rendeu-os, pois, outro grupo. Os que partiam exclamavam: «Adeus, Gai!» Os que entravam: «Ora viva, Gai!»'

⁵⁵ Cf. retrato tacitano de Petrónio, *Ann.* 16.19: *Seruorum alios largitione, quosdam uerberibus adfecit.* 'Quanto aos escravos, a uns prodigalizou benesses, a outros varadas.' O sentido do passo não é de arbitrariedade no trato dos escravos, mas sim de justiça.

⁵⁶ É esta feição que D. Gagliardi explora em "L' umanità di Trimalchione (*Satyricon* 76-77)", *Orpheus* 15 (1994) 13-20, mas esquecendo os outros aspectos até aqui analisados.

⁵⁷ 'Nenhum de nós [...] está isento de culpa. Somos homens, não deuses.'

Trimalquião acata esta contingência da *humanitas*, mas acrescenta-lhe logo a necessidade de se não deixar abater por ela (75.3-8):

«Rogo» inquit «Habinna, sic peculium tuum fruniscaris: si quid perperam feci, in faciem meam inspue. [...] Nam ego quoque tam fui quam uos estis, sed uirtute mea ad hoc perueni. Coricillum est quod homines facit, cetera quisquilia omnia.

«Por favor,» — concedeu — «Habinas, assim possas tu gozar dos teus haveres: se fiz alguma coisa de mal, cospe-me na cara. [...] Sim, porque também eu já fui o que vocês são, mas, com a minha garra, cheguei onde me vêem. A geniqueta do coração é que faz um homem: tudo o mais são balelas.»

Não falta a já costumeira jactância, aliada à desconsideração dos convidados (*ego quoque tam fui quam uos estis*), mas Trimalquião aponta também o predicado que o torna um homem de fibra e de resoluções fortes: o *coricillum*. E a ilustração dessa coragem e determinação encontramos-na na história da sua vida, que ele narra logo a seguir (75.10-77.6). Foi ela que lhe tornou possível atingir uma posição de relevo (77.6): *Sic amicus uester, qui fuit rana, nunc est rex.*⁵⁸

De alguma forma, o passo que melhor resume e concentra a vida de Trimalquião enquanto *homo*, 'ser terreno', é o epitáfio que o próprio libertado para si idealizou, juntamente com o seu *monumentum* fúnebre (71.12):

C. Pompeius Trimalchio Maecenatianus hic requiescit. Huic seuiratus absenti decretus est. Cum posset in omnibus decuriis Romae esse, tamen noluit. Pius, fortis, fidelis, ex paruo creuit, sestertium reliquit trecenties, nec unquam philosophum audiuit. Vale: et tu.

Gaio Pompeio Trimalquião Mecenaciano aqui repousa. Foi-lhe atribuído o sevirato em sua ausência. Podia ter estado em todas as decúrias de Roma, mas não quis. Piedoso, valente, fiel, cresceu do nada, deixou trinta milhões de sestércios, sem nunca ter ouvido um filósofo. Passa bem. E tu também.

Nele está a presente a usual altivez, com o *agnomen*, que para si reclama, de *Maecenatianus*; já que é pouco provável que seja um dos

⁵⁸ 'Assim o vosso amigo, que já foi rã, agora é rei.'

famosos libertos do amigo de Augusto, Trimalquião pretenderá apresentar-se como émulo de Mecenas, no refinamento. Nele se encontra a referência às distinções com que foi honrado (*huic seuiratus absenti decretus est*) e às que declinou (*cum posset in omnibus decuriis Romae esse, tamen noluit*). Nele gravou as qualidades que o tornaram importante (*pius, fortis, fidelis*). Nele fixou a consciência incontornável do sucesso (*ex paruo creuit, sestertium reliquit trecenties*). Nele proclama a inutilidade de certa erudição (*nec unquam philosophum audiuit*), mas, ainda assim, tem muito para ensinar aos *scholastici* sobre a vida. E até no último momento (*Vale: et tu.*) capta e determina a atenção de quem revê a sua existência.⁵⁹ Por tudo isto, importa não menosprezar as capacidades de Trimalquião. Não é um modelo a seguir, mas ninguém lhe poderá negar complexidade e, apesar de tudo, poder de sedução.

⁵⁹ Cf., com sentido semelhante, a descrição do mausoléu (71.11): *Horologium in medio, ut quisquis horas inspiciet, uelit nolit, nomen meum legat*. 'É um relógio ao centro, para que quem vir as horas, com ou sem vontade, tenha de ler o meu nome.'